

NIETZSCHE E O PROBLEMA DO CONCEITO ESSENCIALISTA DA LINGUAGEM

Raike Barone Costa Santos *

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade apresentar a crítica de Nietzsche ao conceito essencialista da linguagem. Desde o medievo as afirmações sobre verdade e realidade baseiam-se na correspondência do objeto com a ideia através das sensações e dos sentidos. A indagação do filósofo acerca dessa visão se fundamenta na filosofia de Kant, e no sistema do mundo como representação de Schopenhauer, para analisar a filosofia da linguagem através dos limites da capacidade humana de alcançar a essência e a verdade das coisas.

PALAVRAS-CHAVE

Linguagem. Nietzsche. Sociedade. Metáfora. Arte.

ABSTRACT

The present work aims to present the criticism of the Nietzsche to the essentialist concept of language. Since the Middle Ages, statements about truth and reality have been based on the correspondence of the object with the idea through sensations and senses. The philosopher's inquiry about this vision is based on Kant's philosophy, and on the world system as Schopenhauer's representation, to analyze the philosophy of language through the limits of human capacity to reach the essence and truth of things.

KEYWORDS

Language. Nietzsche. Society. Metaphor. Art.



INTRODUÇÃO

Friedrich Nietzsche foi um filósofo alemão do século XIX. Entre suas principais ideias estão o “eterno retorno”, vontade de potência e o surgimento do *Übermensch*¹, e das metamorfoses do espírito.

No ensaio *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral*, Nietzsche inicia uma investigação sobre o conceito essencialista da linguagem, conceito esse que atribui a verdade como a correspondência correta entre a ideia e o objeto expressa em forma verbal.

A intenção do filósofo não é questionar a serventia da linguagem, ou invalidar as formas verbais de comunicação, mas destacar o equívoco presente na visão essencialista da linguagem através de erros lógicos e da necessidade humana de aceitação social, e das sensações que envolvem a contemplação artística.

Nietzsche formula um pensamento original e profundo sobre a origem da linguagem e seu papel na codificação da realidade pela mente limitada do ser humano. Com efeito, a nossa civilização tornou a palavra uma ferramenta para expressar de forma racional os objetos exteriores e as sensações interiores, numa tentativa de estabelecer uma conexão claro com o que se observa e o que se sente.

* Discente do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC. Atualmente bolsista do projeto de pesquisa “Vontade de Poder e a Instrumentalização dos Rabulas no Trilogia São Francisco”, liderada pelo doutor em filosofia e hermenêutica Roberto Savio Rosa.

¹ Super Homem ou Além do homem em algumas interpretações.

Nietzsche questiona a linguagem e a capacidade humana de conhecer. Ele compreende a linguagem como o início do espírito epistemológico do homem. Sendo assim, o principal erro não está na busca pelo conhecimento, mas em afirmar categoricamente que a linguagem possa estabelecer um critério de verdade absoluta sobre os objetos, visto que o ser humano é incapaz de chegar a “coisa em si” de qualquer elemento da realidade.

O filósofo fundamenta suas críticas através do intelecto humano e sua capacidade de observação e apreensão da realidade, bem como o processo de aprendizado e codificação da realidade por meio da linguagem e a suposta “racionalidade” por trás do processo.

Santo Agostinho é um dos mais proeminentes nomes do pensamento essencialista da linguagem. Para ele as palavras são um ponto referencial de conexão do objeto com a ideia. Sendo assim ao ouvir uma determinada palavra à mente do sujeito tende a procurar em si (em forma de conceito) a representação do objeto citado, e se por ventura não encontrar algo que corresponda a tal designação a palavra é considerada como um mero som. Nesse contexto a palavra seria a expressão verbal da relação entre a ideia e objeto observado, que por meio da conceituação cria um ponto referencial ao qual o sujeito reconhece e abstrai o objeto por meio de sua utilidade ou características.

Nota-se que na visão essencialista da linguagem os dados dos sentidos ocupam um papel primordial para o conhecimento, visto que primeiro se conhece o objeto por meios empíricos, e por meio das impressões produzidas por eles a palavra indica a verdade pela conceituação do objeto.

Na visão de Santo Agostinho, o significado das palavras é registrado na mente, e o som que ouvimos ao ser pronunciada uma determinada palavra suscita a representação mental do objeto correspondente. Deste modo, a verdade acerca do mundo sensível se resume a correspondência correta entre o conceito e o objeto expresso por meio da linguagem. Sobre esse assunto Santo Agostinho em sua obra *Confissões* relata:

Assim, pois, quando chamavam alguma coisa pelo nome, eu a retinha na memória e, ao se pronunciar de novo a tal palavra, moviam o corpo na direção do objeto, eu entendia e notava que aquele objeto era o denominado com a palavra que pronunciavam, porque assim o chamavam quando o desejavam mostrar. Que esta fosse sua intenção era-me revelado pelos movimentos do corpo, que são como uma linguagem universal, feita com a expressão do rosto, a atitude dos membros e o tom da voz, que indicam os afetos da alma para pedir, reter, rejeitar ou evitar alguma coisa. Deste modo, das palavras usadas nas e colocadas em várias frases e ouvidas repetidas vezes, ia eu aos poucos notando o significado e, domada a dificuldade de minha boca, comecei a dar a entender minhas vontades por meio delas. (Agostinho, 2007, p. 07-08).

Com efeito, a significação que Agostinho atribui as palavras supõe que a verdade possa ser expressa através da linguagem, desde que haja correlação entre a ideia e o objeto observado. Com efeito, pensar as palavras como ponte de ligação entre o sujeito e objeto pressupõe uma capacidade humana geral de contactar a realidade por meio dos dados dos sentidos e, através destes conhecer “a coisa em si”, como uma generalização universal das sensações.

Para Nietzsche a linguagem é um compilado de metáforas utilizadas pelos indivíduos em sociedade para facilitar o convívio e as interações. A linguagem surge como uma forma de preservação e comunicação dos indivíduos no decorrer da história, além da necessidade de codificar o mundo e atribuir significação aos fenômenos e objetos.

Através das eras a civilização humana buscou entender a realidade e o mundo que ao seu redor. Os modos de codificação foram os principais métodos para explicar a natureza e seus fenômenos, ou seja, pelos diferentes mitos, tradições e deuses os diferentes povos afirmavam sua existência e respondiam indagações sobre coisas além de seu entendimento.

A linguagem teve um papel fundamental na formulação do imaginário humano, mas para Nietzsche a codificação através da palavra é apenas a substituição de um mistério observável por uma simbologia pretensiosa e incompleta, uma metáfora do fenômeno e não o fenômeno em si.

O caráter histórico da linguagem justifica a conformidade do sujeito com seus postulados. Uma vez que aprendemos desde o berço que nossa língua materna é a forma ao qual devemos nos expressar, através dela buscamos respostas para questionamentos externos e internos com a esperança de que possamos codificar os resultados de modo inteligível. A linguagem por si só denomina um enigma, indecifrável, porém aceito pelo ser humano. Sobre isso Ivanaldo Santos afirma:

Em Nietzsche a metáfora é uma forma – e talvez a única forma – do homem pelo menos apontar para novas possibilidades dentro da existência e da vida social. Já que não podemos saber exatamente o que é a essência dos objetos e não temos acesso à verdade, então não podemos saber o que realmente é a linguagem. Ela apresenta-se ao homem como metáfora, como enigma. Sendo assim, a metáfora é a única forma do homem pelo menos se aproximar da linguagem e, simultaneamente, poder construir e destruir objetos dentro da vida social. (Santos, 2010, p. 05).

A linguagem não é uma forma de inviabilizar ou mascarar a “coisa em si” por trás do fenômeno, pelo contrário, é o modo rudimentar que a civilização criou para chegar até ela. Porém o erro da visão essencialista da linguagem está em supor uma afirmação positiva sobre essa questão. Para Nietzsche o uso da linguagem é uma das tentativas primárias da busca pelo conhecimento. Porém ela por si só não pode ser considerada fonte segura de certeza indubitável, pois as metáforas e usos incorretos dos conceitos induzem a erros, tendo como o primordial a incapacidade humana de afirmar alguma certeza sobre sua própria natureza, sendo assim é impossível afirmar algo sobre qualquer objeto, pois o principal veículo de conhecimento ainda não desvendou seus próprios meandros.

Ao estabelecer a crença na verdade como a correspondência correta entre ideia e objeto, passam-se quase como invisíveis os erros provenientes dos usos da linguagem e o estabelecimento de conceitos. Ao admitir que a palavra é o meio pelo qual a nossa civilização interage desde as épocas mais remotas, Nietzsche traz à tona a questão da capacidade de dissimulação da natureza dos seres vivos.

A planta carnívora deve esconder sua aparência para atrair e devorar seu alimento. O tigre deve ser sorridente e rápido caso queira encurralar sua presa de surpresa. Nos dois casos vemos exemplos de dissimulação presente da natureza, e o homem como ente participante da natureza encontrou na linguagem uma forma mais arrojada para fazer com que as coisas caminhem ao seu favor. Em *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extramoral Nietzsche* afirma:

No homem a arte da dissimulação atinge seu cume; aqui, o engano, o adular, mentir e enganar, o falar pelas costas o representar, o vier em esplendor consentido, o mascaramento, a convenção acobertadora, o fazer drama diante dos outros e de si mesmo, numa palavra, o constante saracotear em torno da chama, única da vaidade, constitui tal ponto de regra e a lei que quase nada é mais incompreensível do que pode vir a luz entre os homens um legítimo e puro impulso a verdade. (Nietzsche, 2007, p. 27-28).

A intenção de Nietzsche a colocar a natureza humana frente ao uso da linguagem não tem o intuito de inviabilizá-la, mas de adentrar no cerne do problema. Outrossim, o conceito essencialista da linguagem possui em seu âmago um erro primordial: ao atribuir a palavra o modo de conexão entre ideia e objeto nasce o pressuposto de que, além de se conectar com a “coisa em si” por meio das sensações, o sujeito também conecta consigo mesmo, em outras palavras se tomarmos como verdadeiro esse conceito estamos admitindo que o homem tem conhecimento verdadeiro de si próprio e conseqüentemente da realidade.

Segundo Nietzsche, o homem não tem conhecimento ou controle de si próprio, neste ponto sua filosofia se assemelha ao determinismo de Espinosa², contudo enquanto o segundo atribui a causas anteriores (a com isso a um certo condicionamento psicológico) o resultado de escolhas presentes, o primeiro traz a ideia de que o homem perde o conhecimento de si para se ajustar as convenções sociais.

É por meio dessas convenções que a linguagem se mostra uma fonte abundante de enganos e mentiras, pois não é raro observar homens moralmente controversos utilizarem discursos para aparentarem ser aquilo que não são, ou ao vermos um homem legitimamente honesto, e tomarmos a honestidade como uma parte da essência constituinte do ser, quando na verdade se trata de um acidente.

Sendo assim, o pensamento nietzschiano aborda a incapacidade do ser humano de estabelecer certeza sobre si mesmo. Para o filósofo o homem vive numa realidade aparente e toma as ilusões como verdadeiras na tentativa de apreender algum conhecimento verossímil sobre a realidade.

2 Baruch Espinosa (1632-1677) foi um filósofo holandês, cuja filosofia panteísta afirma que Deus e Natureza são apenas uma coisa. O determinismo presente em seus escritos nega o livre arbítrio humano, relegando suas ações a disposições psicológicas, na maioria das vezes involuntárias.

Nietzsche define a palavra como uma expressão verbal dos sentidos. Desta forma, o ser humano só pode conhecer os objetos exteriores por meio dos dados dos sentidos. Contudo o conceito essencialista da linguagem pressupõe uma apreciação real da “coisa em si” dos objetos por meio da concordância com a ideia conceitual do objeto.

Nietzsche teve como base de sua filosofia as ideias de Arthur Schopenhauer³, que em *O Mundo Como Vontade e Representação* explica a relação sujeito e o objeto ao afirmar que:

“O mundo é minha representação”:- esta é a verdade em relação a cada ser que vive e conhece, embora apenas o ser humano possa trazê-la a consciência refletida e abstrata: e se de fato o faz, então nele surge a clarividência filosófica. Torna-se claro e certo que não conhece Sol algum nem Terra alguma, mas sempre apenas o olho que vê um Sol, uma mão que toca uma Terra; que o mundo que o cerca existe apenas como representação, isto é, tão somente em relação a outrem, aquele que representa que é ele mesmo. (Schopenhauer, 2015, p. 03).

Embora Schopenhauer parta das investigações epistemológicas kantianas e suas concepções sobre a relação entre sujeito e objeto, em Nietzsche temos uma filosofia original que busca desmistificar a linguagem. Para o filósofo as representações dos objetos provem dos dados dos sentidos, todavia é impossível expressar por meio de palavras a essência dos objetos observados.

Ademais, é inviável tomar como verdadeira qualquer suposição que atribua a linguagem a expressão verbal da correspondência correta entre ideia e objeto, visto que o ser humano é incapaz de estabelecer qualquer certeza sobre si próprio.

O homem é um ser imerso em meio a cultura e a moral de sua civilização, tudo o que o homem conhece de si mesmo são conceitos estabelecidos a gerações sobre sua própria existência e potencialidades. Ele se perde entre os meandros sociais e acaba perdendo-se de si mesmo, tornando-se a forma metafórica do “camelo” presente em na obra *Assim Falava Zaratustra*, também de Nietzsche. Sendo o homem incapaz de estabelecer verdade sobre si mesmo, ele não tem a capacidade e contactar a “coisa em si”, seja dos objetos ou sobre a realidade.

Qualquer conceito sobre a realidade, segundo Nietzsche, nada mais é do que a consequência da interação do sujeito por meio dos dados dos sentidos e, através deles. o ser humano cria um conceito ilusório e incompleto sobre a realidade que não pode contemplar em sua totalidade. Em suma o homem não conhece o objeto, e tampouco a mão que o toca, os olhos que observam, e em forma diminuta a mente que cria o conceito, desta forma a palavra é apenas um veículo para a transição verbal dessas ilusões.

Nosso entendimento é uma força pouco profunda, é *superficial*, ou como também se lhe denomina é “subjetiva”. Ele conhece através de *conceitos*. Isso significa que nosso pensamento é um rubricar, um nomear. Algo, portanto, que resulta de um arbítrio do homem que não remonta a própria coisa. (Nietzsche, 2009, p. 60).

A linguagem é uma forma metafórica incompleta para codificar o mundo, tanto por não ser capaz de adentrar essência dos objetos como por não poder expressar todos os fenômenos da natureza humana. Ao tratar da linguagem Nietzsche tem a finalidade de desmistificar a racionalidade presente no conceito essencialista da linguagem. Para isso o filósofo preza por tratar dos sentimentos humanos e anteparo a incapacidade que as palavras tem de expressá-los.

A arte possui um papel fundamental na filosofia nietzschiana, pois desde os antigos gregos até a contemporaneidade as artes tem tido a função de incitar no ser humano os mais diversos tipos de impulso. Sendo assim, a vida seria insuportável sem os benefícios da arte, pois ela apresenta uma mimetização da existência. O filósofo trabalha com a ideia de que a vida é uma mistura de sofrimento, incertezas e momentos de neutralidade, com efeito, a literatura, o teatro e sobretudo a música e as artes em geral possui a capacidade de abstrair e canalizar as dores das mazelas humanas.

A linguagem é uma das formas mais primitivas de investigação sobre a verdade, a arte, em contraponto não tema intenção de chegar a uma certeza clara e indubitável, mas utilizar de ilusão como ponto de partida da criação estética, e para isso é dispensável a busca pela verdade na composição das artes. Sobre isso Nietzsche afirma:

³ Arthur Schopenhauer (1788-1860) foi um filósofo alemão conhecido pelo pessimismo metafísico em seus escritos. Em *O mundo Como Vontade e Representação* ele apresenta a ideia do mundo como o resultado da interação do sujeito co a realidade exterior, sendo impossível a contemplação da “coisa em si” dos objetos.

Ao narrador épico é permitida a mentira, pois, aqui, não se antevê nenhum efeito nocivo. Assim, lá onde a mentira parece agradável, ela é permitida: a beleza e a agradabilidade da mentira, desde que não cause danos. Eis como o sacerdote forja os mitos de seus deuses, ela (a mentira), justifica sua sublimidade. (Nietzsche, 2009, p. 63).

Na passagem acima Nietzsche faz referência a poesia e ao teatro grego para exemplificar a força de superação da arte perante a linguagem. As artes criam um mundo aparente em que o homem não só se encontra, como também sente os fados da existência menos pesado.

Sendo assim a arte ignora qualquer investigação sobre a verdade por meio da linguagem, nela não é necessário correspondência entre ideia e objeto, antes deixa claro que sua finalidade é tocar o homem em seus sentimentos profundos e, por meio deles, suscitar sensações que as palavras não são capazes de expressar com clareza. Sendo assim a arte não só despreza qualquer ligação com a verdade, como torna esse afastamento um ponto extremamente importante para a criação estética. A arte não tem obrigação alguma de representar a verdade, e como mimetização da vida ela é uma das válvulas de escape que a humanidade criou para amenizar as mazelas da existência.

Sendo a arte uma parte importante da vida humana, e ao assumir que ela estimula sensações ao qual a palavra não pode codificar com completude, podemos identificar a ineficácia da linguagem como método único de codificação verdadeira da realidade.

Em suma o que o filósofo quer contextualiza ao criar ao colocar a linguagem frente a arte é mostrar que existe algo presente na natureza humana que extrapola qualquer conceitualização racional, é trazer a toda a falha no espírito científico da linguagem. Deste modo a mesma teoria que colocava em xeque a capacidade humana de conhecer, agora põe o sujeito no centro de algo que é feito por ele e para ele, que a palavra é simplesmente ineficaz para responder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crítica de Nietzsche ao conceito essencialista da linguagem elucidada a concepção de verdade por meio da palavra. É importante ressaltar que a linguagem é o principal veículo de investigação e início da tentativa da codificação da realidade, todavia o filósofo aponta suas falhas e equívocos através da análise do homem e de suas potencialidades. Os pontos apresentados por Nietzsche não têm como finalidade destruir todos os conceitos sobre a realidade e inviabilizar totalmente a linguagem, mas mostrar que a palavra por si só é falha como critério correto de expressar a verdade, pois o sujeito que observa o objeto tem ciência apenas das suas impressões empíricas sobre os fatores externos a ele, e não uma certeza indubitável sobre o mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, S. **Confissões**, São Paulo: Canção Nova, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falava Zarathustra**. São Paulo: Edipro, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral**. São Paulo: Hedra, 2007.

SANTOS, Ivanaldo. *Nietzsche e a Linguagem*. **Periódicos UFRN**, v. 1 n. 4, p. 7-14, 30 set. 2010.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo Como Vontade e Representação**. Tomo I: São Paulo: Unesp, 2015.

